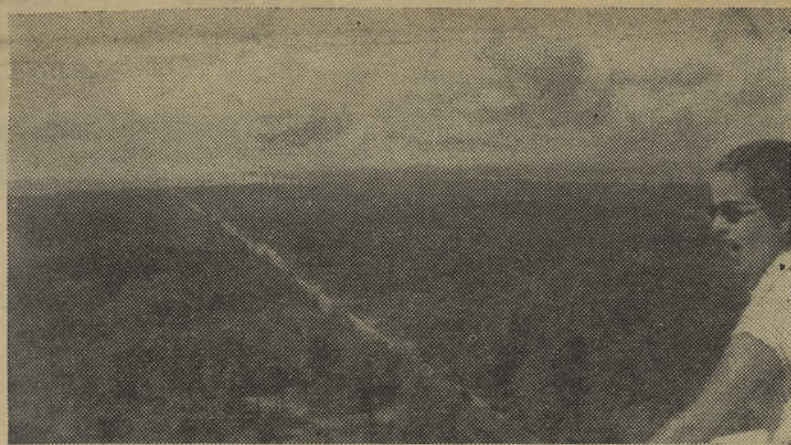


DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO • EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES • DELEGAÇÕES: LISBOA - TELEF. 31839 - FARO - TRAV. DO PÉ DA CRUZ, 5 • AVENÇA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 54 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 • OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, LIMITADA - V. R. S. ANTÓNIO

A estrada da Mata da praia de Monte Gordo

e o seu futuro alargamento



A frondosa mata de pinhal de Vila Real de Santo António-Monte Gordo, vindo-se a estrada, em linha recta, que liga a Vila do Marquês à famosa praia

5) A VIDA DO ATUM

Raciocínios que conduzem ao estabelecimento da hipótese

pelo capitão-de-mar-e-guerra
JOSE SALVADOR MENDES

CONVÉM esclarecer, todavia, que é no momento desse nascimento (do Sol) que o atum toma, momentaneamente, a orientação a empreender, entregando-a de seguida e instantaneamente ao instinto natural desse peixe que, como uma girobússola, a conserva durante a corrida.

Admitimos que a corrida de «direito» vai do equinócio da Primavera ao solstício do Verão. E assim admitimos, porque:

a) — o atum começa a aterrorizar na costa de Marrocos no fim de Março, visto que em Abril já se poderá pescar esta espécie tunidica regularmente nesta região marítima; e b) — este peixe deixa de correr de «direito», após o solstício do Verão, visto que, até então, pescando a armação do Cabo de Santa Maria grande quantidade de atum, deixa ela de pescar, quase de súbito, após esse solstício.

Posto isto, levantou-se-nos outra dificuldade: como se realiza o regresso do atum?

Até aqui inquirimos sobre as condições em que se poderia efectuar a corrida de «direito», isto é, a marcha do atum do mar em direcção à costa ou, melhor, a caminho da área de postura ou desova.

Investiguemos agora sobre a forma por que se poderia realizar a corrida de «revés», isto é, a jornada do atum da área da desova pa-

(Conclui na 8.ª página)

«HISTÓRIAS QUE UM MENINO CONTOU»

— por Diógenes Magalhães

UM livro diferente é este que veio parar à nossa mesa de trabalho: «Histórias que um menino contou», de Diógenes Magalhães, lançado no mercado por Edições Artesanato. Diferente, dissemos, apenas na sua confecção gráfica. É que toda a sua composição foi dactilografada a «stencil» e tirada ao duplicador. Trabalho perfeito, limpo. Margens certas. Texto sem rasuras nem gralhas. O título, na capa de cartolina, é desenhado sem preocupações de letra perfeita e igual. A encadernação é semelhante à de certos cadernos, vendendo-se por baixo as folhas presas com três grampos. É bem uma «Edição Artesanato», isto é, feita em casa, naturalmente ao serão ou nas horas vagas.

Este livro veio do Rio de Janeiro, onde o seu autor reside. Em prefácio, Diógenes Magalhães afirma e diz poder provar que essas histórias agora publicadas escreveram-as dos dez aos treze anos e publicou-as, nessa altura, em diversos jornais. No entanto, passados 25 anos, o autor, aproveitando-

(Conclui na 3.ª página)

Plantação de arroz nas proximidades de Monte Gordo?

EMOS no nosso prezado colega «Diário de Lisboa» uma local em que se dá um grito de alarme contra uma plantação de arroz que se pretende fazer no lugar da Azeda, a pouco mais de um quilómetro da praia internacional de Monte Gordo. Sobre o mesmo assunto recebemos um protesto de um natural daquela praia, o sr. José dos Anjos Rodrigues.

Como tal cultura é considerada foco de mosquitos e de sezonismo e como é absolutamente inadmissível que se estabeleça um flagelo destes junto de uma praia da categoria de Monte Gordo, onde já foram e estão a ser investidos milhares de contos no seu apetrechamento, chamamos para o facto a atenção do sr. subdelegado de Saúde e das outras entidades que têm que ver com a saúde pública para que se adoptem as indispensáveis providências. Como precaução e defesa da estância turística, a cultura do arroz só devia ser permitida a pelo menos dois quilómetros da praia.



As lãs estão sempre na moda. A prová-lo temos aqui um vestido de lã, modelo de Guy Laroche, de Paris. O movimento drapeado do corpo é apanhado por um nó formando gravata. Se gosta escreva um postal às casas de lãs de Lisboa (parece que no Algarve não há lãs) e dentro de dias pode entreter-se a fazer o seu vestido.

(Conclui na 3.ª página)

A obra simpática das cantinas escolares

INFELIZMENTE é ainda reduzida a acção das cantinas escolares no Algarve. O seu número é pequeno e não satisfaz nem de longe as necessidades de tantas crianças deficientemente alimentadas e que bem precisam de olhos misericordiosos atentos nelas. Nenhum país pode esperar bons cidadãos se não se poupar a criança às agruras da miséria e do desconforto. Estas deixam marcas indeléveis no seu espírito que nenhuma doutrina consegue jamais apagar. Por isso todos têm a obrigação de colaborar na obra das cantinas escolares, estimulando-a, promovendo a criação das simpáticas e humanitárias instituições, suavizando quanto possível as dificuldades alimentares das crianças pobres.

A cantina escolar de Vila Real de Santo António, a cuja direcção preside o professor sr. Francisco Joaquim Caldeira Alexandre, está a prestar um óptimo serviço aos escolares pobres, aos quais fornece uma abundante refeição diária. No último trimestre do ano passado beneficiou 80 crianças, às quais proporcionou 3.005 refeições. Presente-

(Conclui na 8.ª página)

14 países dão a sua colaboração à 1.ª Exposição Portuguesa de Embalagem - EMBA

A 1.ª Exposição Portuguesa de Embalagem — EMBA — que se realiza no recinto da F. I. L., de 12 a 26 de Março, tem objectivos acentuadamente didácticos e educativos, pelo que serão organizados diversos «stands» com essa finalidade. Haverá um sector geral preparado pelo serviço técnico da exposição, um sector de informação da Federação Europeia de Embalagem e «stands» dos mais importantes institutos europeus de embalagem.

No sector geral serão devidamente evidenciados e tratados todos os aspectos da evolução do problema da embalagem nos diversos países e apresentados os mais modernos materiais e técnicas. Merecerão também especial atenção neste

(Conclui na 8.ª página)

As «rapas» lançarão na miséria os pescadores algarvios — se o Governo não proibir a sua nefasta actividade

ARMAÇÃO DE PERA — O uso pelas traineiras das redes «rapas» durante o defeso acarreta graves prejuízos para a classe marítima, para a indústria conserveira, para a economia da Nação e ainda para a riqueza piscatória do Algarve. Tais redes são idênticas às artes de cercar usadas na pesca da sardinha, com a diferença de que são muito mais baixas e muito mais leves e podem ser lançadas em qualquer profundidade (duas ou três braças) sobre fundo rochoso e até mesmo dentro de rios ou rias, onde o peixe faz criação. Quer isto dizer que o peixe será capturado em qualquer ponto da costa onde procure desovar. E sendo a nossa costa pequena calcule-se os danos irreparáveis que não causarão vinte ou mais «rapas» a exercer a sua nefasta acção no mar algarvio! Neste período o peixe vem em grandes cardumes em procura dos baixios, rios e rias, para desovar e a criação, depois de atingir um certo porte, retira em cardumes para o oceano, constituindo a riqueza pis-

(Conclui na 4.ª página)

Prémios do Concurso da Empresa Agrícola

JÚRI Nacional do Concurso da Empresa Agrícola Predominantemente Cerealífera homologou as classificações propostas pelos júris regionais. Os prémios relativos ao 1.º ano da fase definitiva do concurso, na região algarvia, foram atribuídos aos seguintes lavradores: Grande Exploração, eng. Francisco Ortigão Gomes Sanchez; Média Exploração, João Farrajota Alves; e Pequena Exploração, Francisco Viegas Carromba.



Almoço na cantina escolar de Vila Real de Santo António

O rendimento da pesca no porto de Vila Real de Santo António

DE um modo geral a temporada piscatória que terminou em 15 do mês passado foi animadora para a costa algarvia que nos anos de 1958 e 1959 sofreu uma das maiores crises de pesca de que há memória, em particular a zona sotaventina. Em Vila Real de Santo António o ano de 1959 deixou triste memória pelo seu escasso rendimento que deve ter sido o mais baixo de que alguns se lembram, o que ocasionou, como é natural, graves perturbações na vida económica local. Se já no ano anterior a lota da Vila Pombalina registava o pobre rendimento de 23.957 contos, no ano seguinte esse rendimento circunscreveu-se apenas a 16.437 contos, menos de um terço do ano áureo de 1956 em que as transacções de pescado atingiram a verba de 59.174 contos. O montante das vendas na temporada que acaba de se encerrar foi de 42.350.135\$70. Não é um número exagerado mas representa uma interessante movimentação de pescado que tem as naturais repercussões na economia local. Desta verba coube às traineiras mais de 35.000 contos e às pequenas artes cerca de 1.600 contos. O resto refere-se ao atum da costa e do atuneiro «Rio Vouga» que deixou no porto do Guadiana cerca de 400 toneladas de peixe. Uma nota a salientar: a actividade da indústria de conservação da sardinha do referido porto.



Se é este o modelo que aguardava aqui o tem! Vem da Alemanha Ocidental que também quer garantir o seu lugar no rendoso mercado da moda. É um vestido de «cocktail» de seda preta com uma vistosa gola branca.

II) OLHÃO E O SEU FUTURO SECTOR ECONÓMICO

por MANUEL DOMINGOS TERRAMOTO

4 Não pretendemos historiar a evolução das indústrias locais, pois além de carência de capacidade intelectual para o efeito, esse também não é o nosso propósito.

Parece-nos, todavia, não ser destituída de cabimento uma olhadela retrospectiva para a nossa industrialização, ainda que incipiente. O facto de ser Olhão uma terra relativamente jovem, abrevia a nossa hipótese da sua estrutura no passado. Não é, pois, preciso recuar muito no tempo, para supormos apenas existentes as indústrias artesanais de abegoaria, ferraria, carpintaria, cordoaria, olaria e a conservação rudimentar do peixe, além da preparação do figo. Como a população era diminuta e as artes pouco desenvolvidas, a indústria que havia

(Conclui na 5.ª página)

PORTUGAL E O MAR... EM HAMBURGO

por FRANK GEROLD

O maior porto da Alemanha, Hamburgo, está ligado por intensas relações comerciais e por estreitos laços de amizade a Portugal. Nos círculos do comércio importador e exportador o Mundo Português é mais conhecido do que se julga à primeira vista. A Universidade de Hamburgo orgulha-se do muito especial desvelo que desde a sua fundação tem dedicado aos estudos portugueses e brasileiros.

As gerações vão-se sucedendo, porém, e a guerra, com as suas profundas repercussões em todos os sectores da vida, abalou fortemente a estrutura e a composição da população da laboriosa cidade hanseática, separada do seu hinterland natural e forçada a lutar pela sua existência procurando novos campos de actividade. Na azáfama dos novos interesses caem facilmente no olvido até mesmo bons amigos se não se fizerem lem-

(Conclui na 4.ª página)

Visado pela delegação de Censura

SALIR precisa de uma estação telégrafo-postal

COM o título «Salir precisa de uma estação telégrafo-postal» publicou há algum tempo uma notícia o jornal «A Voz de Loulé», sobre a qual nos permitimos fazer algumas considerações.

Em primeiro lugar, aplaudimos com entusiasmo o pedido formulado para transformar o posto postal de Salir em estação telégrafo-postal, a fim de facilitar a vida à maioria dos 6.500 habitantes que a freguesia de Salir possuía em 1950, pelas razões já aduzidas e que não repetimos — bastando pensar que estes 6.500 habitantes estão, em média, distantes 11 kms. da sede do concelho de Loulé, para avaliar o quanto lhes será custoso terem de se deslocar para obterem o serviço que uma estação telégrafo-postal lhes prestará, como sejam o levantamento de encomendas postais e o recebimento

(Conclui na 6.ª página)

A saúde é a maior riqueza

ANTIBIÓTICOS

Não dê a seu filho antibióticos sem orientação médica. Não basta saber que a estreptomocina, a terramicina ou a cloramfenicol são remédios fabulosos. É preciso saber empregá-los. Há alguns que têm acção numa determinada doença ou certos doentes, e não fazem nenhum efeito noutros pacientes ou em determinadas moléstias.

Não faça de seu filho uma cobaia de experiências legais.

De Mértola levo saudades...

Novidades... velhas

Parece paradoxo mas não é. Há novidades novas e novidades... velhas, fenómeno muito corrente na nossa era dos veículos espaciais, dos homens lunáticos (perdão, na lua, queríamos dizer). Nota-se muito nas senhoras, especialmente aquelas que pretendem andar quase sempre pelo último figurino. Claro que também se nota em certas terras (terras povoadas, compreenda-se); mas senhoras são senhoras, e terras são isto mesmo, e entre umas e outras parece não haver qualquer analogia, até certo ponto.

Com as senhoras — as tais do último figurino — pode acontecer não servir três meses depois a mesma carteira, pela simples razão de a moda nessa estação exigir ou exigir um tom mais claro, de cor-de-burro-quando-foge (ainda não conseguimos descobrir que cor é esta), ou o caso de um chapéu que este ano tem mais um centímetro de copa...

Até aqui parece não haver qualquer afinidade entre terras e senhoras no que respeita à moda. Aliás, neste capítulo da moda, como em muitos outros na vida das pessoas e das terras, há sintomas de que a imaginação humana da nossa época estagnou ou está em vias de decadência, a não ser que estejamos a ver mal a questão, pois há coisas que transcendem a compreensão humana. Senão, vejamos os actuais sapatos femininos, cuja biqueira afiada rivalizaria com um alfinete (e perigosos se assentarem em certa região do corpo humano, função que por vezes exercem...); os ditos masculinos de frente quadrada — moderníssimos! última novidade! — sem o inconveniente das queles outros, que já tiveram a sua época há cerca de vinte anos; e os chapéus que presentemente se vêem enterrados em gentis cabeças de certas damas (pelo menos momentos antes de escrevermos estas linhas ainda existiam!) mas não tanto que não deixem ver ainda os cabelos de tons violáceo, rosa ou verde, conforme o gosto de cada uma... e que os franceses baptizaram de «cloche» (sino?) tem certa semelhança. Onde poriam

eles o badalo?, os quais (chapéus) já se viam em publicações do tempo dos nossos avós...

São, pois, novidades velhas. Também em certas terras se pode aplicar alguma coisa daquilo que temos vindo a dizer da moda dos sapatos e chapéus: há casos de novidades que o não são por já o terem sido há muito, ou melhor, terras onde determinada inovação é coisa nunca vista ali até à data — novidade portanto — mas ultrapassada noutros lados e noutras épocas por antiquada e inconveniente.

Está nestas circunstâncias a solução adoptada na velha Mirtily no que respeita aos despejos: a utilização de carroças-tanques puxadas por muare que recolhem o lixo, líquidos e toda a espécie de dejectos. O sistema é velho, mas ali relativamente novo. A tal novidade.

Não só estas carroças exercem a sua função prolongada até altas horas do dia, quando o deviam fazer de madrugada, para terminar cedo — talvez porque o acidentado das ruas dificulta e demora a acção de tais veículos — como têm os seus inconvenientes pelo odor pouco suggestivo que distribuem à medida que passam. Um caso recente presenciámo-lo no centro principal da vila, ocorrido com alguns excursionistas de dois autocarros, os quais à passagem do clássico veículo procuraram rápida e avidamente os seus lenços, que levaram ao nariz como se um espirito colectivo os fosse atingir...

Mas não é só este o senão de tal processo. Sucede por vezes a dita carroça não passar em determinada rua ou passar mais tarde, ou ainda já ter passado. Nestas circunstâncias levam os recipientes aguardando oportunidades pelos cantos próximos das residências, e as águas servidas, em último caso, são atiradas para a via pública com manifesto desprezo pelas posturas municipais. Nas calçadas irregulares em ruas planas esta água estagna e é frequente ver-se depois a criança brincar despreocupadamente nas poças por ela formada. Do que aqui resulta no aspecto de insalubridade, é inútil falar.

Certamente que este estado de coisas não se prolonga, pois a rede de esgotos deve ser um dos mais próximos objectivos das forças vivas locais; e não nos consta que nenhum outro assuma a importância vital que este assume.

Não será substituída?

Já que mexemos na questão, não queremos deixar de ventilar o caso das instalações sanitárias e fazer eco de uma interrogação que nos chegou há dias acerca do encerramento (acertado no ponto de vista higiénico e de segurança — ambos observados do lado do rio Guadiana) das que existiam anexas à muralha junto aos edifícios públicos (Tribunal Judicial, Câmara Municipal, Repartição de Fazenda etc.) e que servia parte da antiga velha da vila.

Não será substituída? É que naquela zona é grande o movimento de contribuintes e funcionários públicos. E a ausência de instalações sanitárias deve ocasionar situações embaraçosas e até de certa comicidade, se nos lembrarmos que a mais próxima (e única) situa-se no Largo Vasco da Gama e para aí se chegar necessário se torna subir a não pouco íngreme Rua Visconde de Boisões...

Actualmente há a tendência para se construir tais instalações de baixo do chão, o que tem a vantagem de não ocupar grande espaço na via pública (praça ou largo) excepto o necessário à entrada e esca-daria com gradês. Nada mais indicado, por isso, que a Praça Luís de Camões, onde se situam aqueles edifícios públicos, reconhecida como parece que está a impossibilidade de se usar na sua construção critério igual ao adoptado na que se construiu nas esca-

Um hino da poetisa Lutgarda Guimarães de Caires

UTGARDA Guimarães de Caires, cuja memória vai ser preiteada com um monumento na sua terra natal, ao visitar, há anos, Vila Real de Santo António, compôs o seguinte hino, cheio de religiosidade e cor local à padroeira da sua terra, Nossa Senhora da Encarnação:

I

A mãe de Nosso Senhor,
nossa Fé e nosso amor,
rezemos uma oração.
Elevemos nossas almas,
numa prece levantada
à Virgem Imaculada,
Senhora da Encarnação!

II

Nossa terra é de amendoeiras,
e inda a flor das laranjeiras
tem fragrâncias sem igual;
Porque a Santa que a protege
é a própria Mãe de Deus,
que a bênção lança dos Céus,
aos filhos de Vila Real.

III

O nosso rio é cantante,
sob um sol reconfortante
de esmeraldina beleza.
Nossa Senhora o contemple!
E com o seu olhar divino,
traga ao rio cristalino,
um manancial de riqueza!

IV

Ao seu altar de esplendores
levem os lumes e flores,
em romarias louças!
E que o seu manto de estrelas
nos ilumine o caminho,
dando a brancura do arminho
às nossas almas cristãs!

V

Se os honrados pescadores
encontram mágoas e dores
no mar alto em convulsões,
A Virgem Santa os socorre,
logo lhes leva a bonança,
a alegria e a esperança
aos seus leais corações.

VI

E nesta terra algarvia,
almas de infinda poesia
em mística veneração,
agradecem, enlevadas,
a protecção infinita
da Virgem Santa e Bendita,
Senhora da Encarnação!

VISITE...

Lucílio Matos Toupá

onde encontrará o mais vasto sortido de material usado em óptimo estado para qualquer auto (automóvel, camionete ou camion, etc.). Resolve os seus problemas tornando-se cliente de casa que mais barato vende e nos melhores condições.

Rua do Alvito, 31-A, 33, 33-A
LISBOA, 3

Telefone P. B. X. { 637024
636537

ALUGA-SE

Loja bastante espaçosa com controlo, para qualquer ramo de comércio, em prédio novo bem situado na Rua Mouzinho de Albuquerque, em Portimão.

Trata Alfredo dos Santos Júnior, no mesmo prédio.

darias, sob a Rua Alonso Gomes, dado que isso iria bulir com a segurança dos prédios na Rua D. Sancho II, fronteira à referida praça.

E com este alvite nos despedimos até à próxima.

Costa Júnior

HOTEL VASCO DA GAMA MONTE GORDO

4 NOITES DE BAILE
GRANDIOSO CARNAVAL
VARIEDADES
SERVIÇO DE «BOITE»

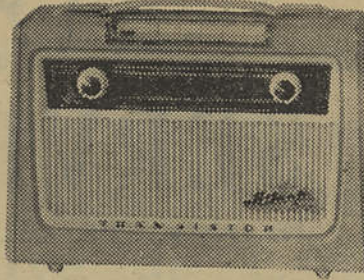
Telefones 321-322

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Atlante
Rádico

APRESENTA O MELHOR E MAIS COMPLETO APARELHO PORTÁTIL ATÉ HOJE PRODUZIDO

Turist
COM
SUPERSOM
HI-FI



TOTALMENTE TRANSISTORIZADO
PARA TODAS AS ONDAS

DE QUALIDADES SONORAS INIGUALÁVEIS, COM SUPERSOM HI-FI, ESTE EXCELENTE RECEPTOR PODE FUNCIONAR EM CASA, NO AUTOMÓVEL, NO CAMPO, NA PRAIA OU NA MONTANHA, GRANDE POTENCIA E SENSIBILIDADE, EXTREMAMENTE ECONÓMICO E DE MODELAR APRESENTAÇÃO.

QUEIRA PEDIR INFORMES AOS AGENTES GERAIS

Electronia, Lda

RUA SANTO ANTÓNIO, 71 — TELEF. 25800 — PORTO

«Histórias que um menino contou»

(Conclusão da 1.ª página)

lhes a ideia, reescreven-as — e eis o volume presente: 88 páginas, 16 histórias.

Quanto a nós, achamos que o trabalho foi bem compensado, não dizemos em êxito de proventos, porque o não sabemos, mas pela revelação do contista presente. Antes do mais, o livro está escrito em bom português, ainda que polvilhado aqui e além das inevitáveis expressões características do brasileiro. Contudo, não deixa de ser português corrente e até bem limpo.

Depois, vem esta qualidade: o autor sabe contar uma história e sabe também quando se desvia do ponto de vista inicial, como acontece com a sua «Noite de São João». Diz ele no fim: «Agora vejo que comeci a falar de São João e acabei falando de outra coisa. Não faz mal». E o leitor é obrigado a aceitar o reparo com simpatia, até porque a história resultou interessante, repleta de verdade e simplicidade.

De resto, todas as histórias de Diógenes Magalhães têm essa alta qualidade do conto. Parece mais quem fala do que quem escreve.

A par dessa ciência, mantida exactamente pela ausência de efeitos literários rebuscados, o autor patenteia um profundo sentido de humanidade e certa vastidão filosófica. Quase todos estes pequeninos contos têm um fim em vista, um objectivo que ora visa a razão da justiça, ora o sentimento da bondade.

Até há neste livrinho um conto que procura despertar o gosto da cultura intelectual: «A história de Picolino». Picolino gostava de cavalos e de armas, mas não conhecia a Bíblia; nunca ouvira falar de «Robinson Crusoe»; jamais lera «Moby Dick» e ignorava «D. Quixote». Contudo, veio a ser rei — diz essa história infantil, de uma ingenuidade que provoca ternura. E, no entanto, obriga-nos a pensar em certos outros picolinos... — J. F.

Festa diocesana de Nossa Senhora de Lurdes e da Acção Católica

REALIZA-SE amanhã em Faro a festa diocesana de Nossa Senhora de Lurdes e da Acção Católica, a qual obedece ao seguinte programa: às 10 horas, missa de solene pontifical celebrada pelo prelado, com pregação e comunhão geral; às 12, no salão nobre do Paço Episcopal, sessão de cumprimentos; às 15, no ginásio do liceu, sessão presidida pelo sr. D. Francisco Rendeiro durante a qual será prestada homenagem à memória do que foi ilustre prelado algarvio, D. António Barbosa Leão, no centenário do seu nascimento, sendo oradores mons. João Francisco dos Santos, que foi amigo e colaborador do preiteado e dr. Mimoso Ruis, dirigente nacional da Acção Católica. Abrilhanta a sessão o grupo coral do Seminário.

Loule... em retrato



AVIZINHA-SE o Carnaval, já há mastros fincados na rua, já se presente o reboliço dos três dias em que quase toda a gente se desmançava, dando saída e exposição a certos complexos, que, normalmente, andam disfarçados de preconceitos e composturas.

Enfeitam-se os carros, preparam-se as flores que hão-de amendoirar as olaias da Avenida, gastam-se resmas e resmas de papel de seda e afixe e previnem-se os lojeiros de tarlatanar e setins, para os fatos de figuras no carro. Um reboliço e inquietação da gente nova que trabalha afinadamente, para fazer brilhar o seu carro o melhor possível e sempre no convencimento de que o «nosso» é melhor do que o «outro».

São os três dias de festa, de extravasão de alegria, bulício e prazer que, no fim, representam um pesado encargo na economia dos tripulantes dos carros, um desassossego para as pessoas doentes ou simplesmente nervosas, uma arrelia das donas de casa, sobretudo da Avenida, que todos os dias têm de limpar as casas para no dia seguinte receberem as visitas e amigos que vão atrair novos elementos de desarranjo e sujidade.

E um fazer para desfazer, é uma alegria que só traz aborrecimentos, um acervo de paradoxos nascido da época mais paradoxal do calendário. No desenfreamento da alegria há permissão para o abuso, há licença para praticar um ou outro desmandosinho, há ocasião para muitos maridos sentirem a amarra mais froixa, porque é Carnaval!

TURISMO, operação-turismo, o Algarve vai ter a sua hora, o Algarve e o turismo, tudo são «slogans» de momento, que se desfaldam em todos os órgãos da Imprensa nacional e regional. No entanto, o Algarve que oferece as mais propícias condições para ser uma região exclusivamente de turismo, continua isolado ou muito mal servido de comunicações com os centros de onde irradia o turismo.

O problema grande e vital, está nas comunicações antes de tudo e se bem que o hoteleiro seja igualmente ponderável, o certo é que hoje, sobretudo para o turismo da classe média, que é «o grosso da coluna», já há uns ligeiros cómodos traduzidos em duas pousadas e uma meia dúzia de hotéis razoáveis. O que é preciso é encher estes hotéis de turistas e para isso é que falta a facilidade de acesso, a comodidade de comunicações.

Lembremo-nos de que pelo actual sistema de transportes ferroviários, o Barlavento — incontestadamente de maior predominância de beleza turística — tem um comboio de Lisboa para o Algarve, durante três dias, que oferece dois transbordos aos turistas que vão para aquela zona. Esse mesmo comboio priva os turistas de poderem almoçar no

trajecto, por não dispor de carruagem-restaurante e leva 7 horas para percorrer 350 quilómetros. Este é, evidentemente, o maior óbice para o turismo do Algarve. Este é que deve de facto ser o principal obstáculo a que se conheça melhor o Algarve.

Por que não organiza a C. P. um rápido diário durante os seis dias da semana? Se não dá para uma composição grande, que a reduzam, ou ponham pelo menos um serviço de automotoras nos dois sentidos.

Este, antes de tudo, deve ser o primeiro passo para trazer gente para o Algarve, com a segurança de horários rápidos, eficazes e bem estudados.

TEM o Rádio Clube Português, no seu programa «Isto é Portugal», realizado interessante reportagem sobre Loulé, focando os aspectos mais característicos da sua vida e labor e os panoramas e motivos turísticos mais dignos de consideração.

Estão por isso de parabéns, o Rádio Clube Português pela brilhante iniciativa e os bons louletanos pela projecção que o seu reclame tem numa estação emissora da categoria daquela.

Repórter X

Estrada da Mata da praia de Monte Gordo

(Conclusão da 1.ª página)

do País, quer venham pela estrada de Mértola, quer pelas estradas central ou de Odemira. Parece-nos esboçar-se já um princípio de estrangulamento da estrada em Monte Gordo, o que representaria dentro de pouco tempo um embaraço à viação. Julgamos que é ao longo desta estrada que correrá para o Guadiana o colectador geral do saneamento da linda praia sotaventada que é uma das poucas praias portuguesas onde o banhista não tem a recear «maus encontros» quando toma o seu banho. Evidentemente que o escoamento para o esteiro da Carrasqueira seria preferível, mas como é mais dispendioso e moroso e como o tempo urge (alguma vez haviam de aparecer as aflições!) é aceitável que ele se faça para o Guadiana, tanto mais que o colectador, à margem da zona hoteleira, servirá, sem grandes despesas, os hotéis. O que julgamos de toda a conveniência, tendo em vista a necessidade do futuro alargamento da estrada, é que o assentamento do colectador se faça a certa distância da faixa de rolagem de modo a não surgirem problemas na altura em que as exigências de movimento obrigarem premente a transformação da estrada numa avenida. Era apenas isto que queríamos lembrar, com folga antecedente.

Mirante

Mundo de esperança

PERDIDA a interrogação nos mares da sem resposta, tornamos à primitiva necessidade. Aguardava por nós o fim da visita. Melhor dito: a visita, em si.

Continuámos a caminhada, com o mar de um lado, as salas cheias de crianças do outro. Algumas, estendidas, imobilizadas nos seus leitos de sofrimento. Sômente os olhos denotando um coração vivo, uma ansiedade palpante. Rapazinhos atravessavam salas, curiosos para com os estranhos visitantes. Talvez neles viessem pessoas queridas, talvez? Abertos os olhos até mais não, na tentativa de descortinar rostos familiares, sorrisos conhecidos, os mocitos acompanhavam através das vidraças o movimento dos forasteiros. Alguns sorriam-nos. Outros saudavam-nos. Com a alma em festa e, simultaneamente, amargurada, correspondíamos à pequenada, erguendo a mão esperanças, sorrindo com simpatia, expressando-lhes um ar de esperança para o seu transitório cativo.

Mais salas, sempre mais salas repletas de crianças enfermas iam ficando para trás. Também das dos andares superiores partiam vozes infantis. Vozes sem ressaibos de temor. Alguns risos de almas lavadas pela pureza de sentimentos que a própria infantilidade faz florescer.

Finalmente, demos com a sala a que nos dirigíamos! Depois de subirmos a um primeiro andar, onde o soalho das escadas brilhava de limpeza, deparou-se-nos a sala onde uma doente muito querida ignorava a nossa chegada, nesse momento. A surpresa, a comoção da surpresa, poisou-lhe espanto no olhar! As lágrimas vieram à flor dos olhos. E contagiaram-nos, também!

Mundo de certeza

NOMES e datas, acontecimentos e promessas, esperanças e certezas, desfilarão. Desfilaram na conversa descomandada. Passaram pela conversação sem prévio plano. Ao lado, uma das companheiras compartilhou, também, da confraternização. Um mundo de esperança, de esperança, de esperança! Para quase todas, para quase todas, a certeza no futuro. Um mundo de certeza, na espera. Um mundo de certeza à espera de fazê-las compartilhar no retorno à vida. No regresso à participação do bem e do mal que a vida tem para cada um de todos nós. Regresso ao lar, depois dessa casa de recuperação da saúde ter servido, durante meses e meses, às vezes anos e anos, de lar e prisão, de lar e prisão.

Outras visitas distribuíam, também, abraços e beijos. E sorrisos e temores. E muita esperança. Um ambiente de desejo transformava em aparente certeza tudo quanto se sonhava. Sempre para bem. Sempre para melhor.

Enfermeiras religiosas, familiares entre as doentes, passavam e sorriam. Paravam à beira de uma ou outra cama, prodigalizavam sorrisos e esperanças às suas doentes.

—É uma santa!— disse-se a nosso lado, à passagem de outra enfermeira, metida no seu rigoroso vestido branco.

—Lá isso é que é!—confirma a doente do lado, em recuperação de uma recente intervenção cirúrgica.

A meio da sala, o algarido infantil de uma pequerrucha de poucos anos enchia o compartimento. Duas senhoras abeiravam-se da sua cama.

—Tem seis anos. Entrou há três dias.

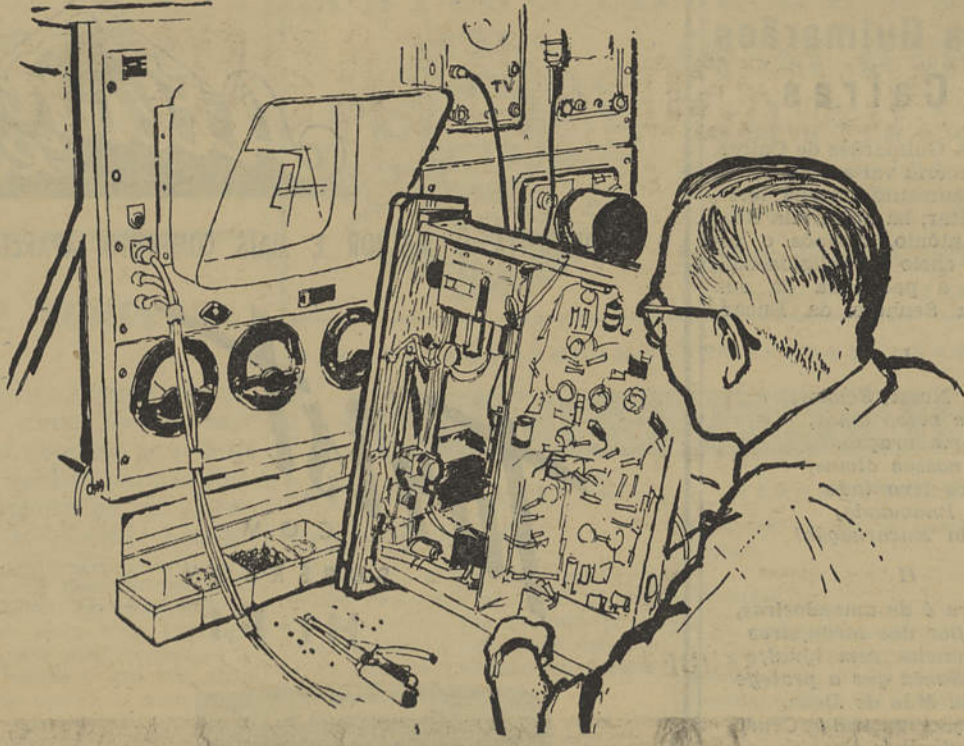
O tempo, cavalgando nos segundos, decorria veloz. A hora da visita aproximava-se do termo. E a menininha, contente, dava expressão alta ao seu riso.

—É um «écran» para vermos cinema—respondeu-nos a nossa querida visitada, quando apontámos para a parede num dos extremos da sala.—E também temos audição de rádio. Há alto-falantes pela sala.

—Ainda bem. Muito bem. É de louvar, tudo isto! Se não fosse a crueldade da doença, até se poderia dizer que se estava numa casa de repouso!—dissemos, expressando o sentir do momento.

Num rompante, um choro violento, gritado, irrompeu na sala. A pequena doentinha fez chamar na sua direcção todos os olhos e atenções. Pesares vieram modificar a expressão de quantos assistiam à cena. Agarrada à mãe e à avó, a pequenita não queria deixá-las abalar! Vencendo o choro e resistência, as duas mulheres abandonaram a sala, desoladas. A visita estava no fim. Pouco depois, os soluços tapavam a violência do choro. E não tardou que a infantilidade do seu pequenino coração vencesse aquela crise de desespero. Quando abandonámos a sala, a criança sorria com uma companheira do lado.

Depois de um mundo de sofrimento-espérance, o mundo de esperança-certeza! Graças à huma-



SERVITÉCNICA

R. INFANTE D. HENRIQUE, 46-48 FARO



DELEGAÇÃO DOS SERVIÇOS TÉCNICOS PHILIPS NO ALGARVE

NYLON, FIOS E CABOS

Bóias de plástico e cortiça, fios, redes de algodão e nylon, cafo, etc.

Descontos aos revendedores — Apartado 2309 — Lisboa-2.

ADUBAÇÃO MODERNA PARA APLICAÇÃO FOLIAR GRO-GREEN

20 - 30 - 10

Fertilizante concentrado com OLIGO-ELEMENTOS 100% SOLÚVEL NA ÁGUA

Alimentação das plantas por solução líquida, através das suas folhas.

CRESCIMENTO REGULAR E RÁPIDO COLHEITAS ABUNDANTES E PRECOSES BENEFÍCIOS ELEVADOS

Pode aplicar-se junto com as caldas cúpricas e insecticidas.

GRO-GREEN — o adubo ideal nas culturas da batata, vinha, trigo, centeio, cevada, aveia, arroz, feijão, fava, ervilha, tomates, melões, hortaliças, árvores de fruto, etc.

COM GRO-GREEN NÃO HÁ AS PERDAS QUE SE DÃO COM OS ADUBOS NORMAIS QUANDO SÃO ARRASTADOS PELAS ÁGUAS

RESULTADOS SURPREENDENTES! Aumentos de produção que vão até 50%, além do normal! Preços em concorrência com os adubos sólidos compostos.

CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

Estabelecimentos de Importação ERNESTO F. D'OLIVEIRA

S. A. R. L.

LISBOA R. dos Sapateiros, 115-1.º
Telefones, 22484 - 22478

PORTO R. Mouzinho da Silveira, 195-1.º
Telefone 22051

PUBLICAÇÕES Deficiência no serviço de transportes de Estói

«Boletim da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos» — Recebemos o número referente a Outubro, de cujo sumário, que compreende as secções habituais, destacamos: «Direito processual tributário», pelo dr. António Cândido Monteiro Guerreiro; «Natureza jurídica das penas fiscais», pelo dr. Manuel Cortes Rosa e «Análise de algumas disposições do código de 24 de Novembro de 1958», por Albano Alves Moreira.

«Boletim Guérin» — O número referente ao Natal é esplêndido, sobressaindo a artística e original apresentação gráfica, a cargo do nosso prezado camarada de Imprensa Sérgio Acúrcio Pereira. Além do noticiário gráfico e literário respeitante à actividade automobilística da firma proprietária da interessante publicação, há a assinalar a reportagem dos trabalhos da auto-estrada Lisboa-Vila Franca de Xira que fixa diversos aspectos da valiosa e dispendiosa obra que tanto contribuirá para o desafogo do trânsito naquela zona.

níssima missão do pessoal médico e enfermeiro, graças ao fim de recuperação do Sanatório Marítimo de Outão, todos os anos centenas e centenas de doentes podem volver à vida! Volver à vida livres da doença, aptos para a batalha pela manutenção da existência!

António do Rio

Cine-Foz

Vila Real de Santo António

DOMINGO, *O passarinho da ribeira*, com António Silva, Deolinda Rodrigues e Humberto Madeira. (Para 12 anos).

TERÇA-FEIRA, *Boa noite Paris... Bom dia amor*, com Dany Robin e Daniel Gelin. (Para 17 anos).

CASA

Vende-se ou aluga-se com rés-do-chão e 1.º andar, em Olhão, na Rua Teófilo Braga, n.º 54. Serve para comércio e uma ou duas habitações. Informa Eng. Luz — Olhão.

Olhão e o seu futuro

(Conclusão da 1.ª página)

apenas se destinava a suprir as reduzidas necessidades locais, duma maneira geral. Iniciou-se a exploração da conservação do peixe em azeite, por se ter descoberto aqui abundância de sardinha e cavala e começou a modificar-se a estrutura da vivência local. Aflui aqui mão-de-obra sobrando doutras regiões, melhoram as vias de comunicação, progredem os meios de transporte. A modernização invade o progressivo burgo, alargam-se os seus limites.

A indústria florescente é o reflexo do florescimento industrial reinante, que vai reduzindo até à insignificância a actividade artesanal. A indústria iniciada era comportada na capacidade económica do seu criador ou do pequeno número de familiares ou amigos que ligavam o seu pecúlio, visto a dimensão da indústria não exigir ainda capitais avultados.

Os anos passam, renovando técnicas, aperfeiçoando métodos. Revolucionam-se a indústria, cria-se nova riqueza, aparece o plástico, revela-se a electroquímica, expande-se a intervenção científica, salta-se para o espaço.

Acelera-se o processo evolutivo, obrigando os vagarosos a acompanhar a rapidez audaciosa dos que procuram situar-se na vanguarda, sob pena de sofrerem a mediocridade relegada à incapacidade.

No nosso País elabora o Governo um plano de fomento que aumenta o rendimento nacional. Multiplicam-se os campos de acção em todos os sectores da vida nacional, abrem-se fontes de riqueza, tanca-se a saída de divisas.

Mas Olhão permanece imutável, confinada à indústria conserveira (a restante pouco conta), assistindo impassível à renovação operada noutros pontos do País. Dar-se-á o caso de não caber aqui outra actividade económica que venha continuar um progresso, tornado retrocesso?

A melhoria dos transportes e da capacidade energética, possibilitou indústrias longe da matéria-prima e das fontes de energia. No entanto, parece que os recursos

económicos não estão ainda integralmente explorados. Talvez não tenha sido encarada a prospecção do nosso subsolo que se julga possuir carvão e petróleo. Possuímos pedreiras, mas desconhece-se se as poderemos transformar em cimento. Não nos faltam sapais, depósitos naturais do sal, mas não progride a sua exploração.

Afinal, se o nosso erro não é grande, parece não faltar caudal de matéria-prima para nova indústria se montar. Plásticos, nitratos e cimentos, trilogia bem consorciada para empregar a nossa gente.

A indústria de agora já não depende de um indivíduo, nem de uma família, mas sim de multidões. A sociedade anónima é que reúne os avultados capitais que exigem o apetrechamento duma unidade para a produção económica. Deixemos ao comércio a sociedade por quotas.

E' pobre a nossa terra e não disporá de capitais! Acertada resposta à nossa congeminção.

Inventariemos o que temos, estudem-se a sua exploração. Dinheiro não faltará, se a capacidade não nos faltar. Conhecida a propriedade, adjudique-se a exploração. Se os financeiros não revelarem expon-tâneo interesse pelo nosso património, natural seria que os que se contratassem não pensassem do mesmo modo.

Se esta divagação não for mera fantasia, sugere que sejam estudadas hipóteses de riqueza que a terem realidade, seriam entregues a financeiros para as traduzir em acções de sociedade. Só assim — julgamos nós — se processaria a saída do marasmo, do immobilismo, da inércia que nos tolhe.

A distância de meio século, vimos uma experiência coroada do maior êxito. Essa foi a da criação da única sociedade anónima instituída em Olhão, a empresa de electricidade. Olhos postos nesse exemplo, um financeiro olhanense operaria a exemplificação, com proveito da comunidade.

Manuel Domingos Terramoto

GADO TURINO

Vende-se 15 vacas de leite, 5 vitelas e 1 touro. Dão-se todas as informações pelo telefone n.º 376, de S. Bartolomeu de Mes-sines.

GANHE MAIS DINHEIRO NAS SUAS COLHEITAS

UTILIZE O

SULFATO DE AMÓNIO



QUE SENDO BEM RETIDO NO SOLO, NÃO É ARRASTADO POR LAVAGEM E, NITRIFICANDO-SE GRADUALMENTE, FORNECE ÀS PLANTAS UMA ALIMENTAÇÃO AZOTADA PERMANENTE.

Carta de Londres

por Dzeyém Syën

Ao iniciarmos a nossa colaboração neste prestimoso órgão da Imprensa regional, o JORNAL DO ALGARVE, é nossa intenção dar-vos nas primeiras «Cartas» uma ideia ambiental do meio enorme e cosmopolita em que nos encontramos e que é bem diferente do nosso querido e saudoso Algarve.

Panorâmica de uma cidade

LONDRES é a cidade mais larga da terra—esta é uma das informações que todos nós temos das lições geográficas da escola primária. Cremos que muitas pessoas que pela primeira vez visitam a capital da Grã-Bretanha, ficam com a impressão de que a cidade mais ampla do globo terrestre não tem a opulência correspondente ao seu tamanho.

Como poderá qualquer turista ver tudo em meia dúzia de dias, que é normalmente o tempo dedicado à visita desta enorme cidade num comum itinerário turístico de férias? A resposta mais simples é que é impossível, e então porque tentá-lo? É muito melhor e mais fácil escolher, de entre os lugares de interesse, aqueles que particularmente o atraem, deixando os outros para uma outra possível visita. Temos em vista dar nesta primeira «Panorâmica» uma elucidação acerca dos locais mais interessantes e dignos de ser visitados em primeiro lugar. Sintetizando, vamos descrever Londres, mas talvez facilmente demais... Nem toda esta imensa cidade será apresentada, nem porventura o melhor...

As melhores coisas vistas em qualquer ponto da terra, são frequentemente aquelas descobertas pelo próprio visitante no decurso de uma volta aos locais turísticos estabelecidos—os bem conhecidos lugares que nos são já familiares por os termos visto em filmes, postais ilustrados ou em livros de gravuras. Quando os apreciamos na realidade já são quase como velhos amigos. Londres, como o leitor um dia, quem sabe?, terá oportunidade de ver, está cheia desses velhos amigos. A Torre de Londres e a sua característica sujidade deve fazê-lo reflectir devido à sua desnecessária comodidade—para melhor dizer, como se os seus 900 anos de idade fossem meramente fazendo o seu melhor para estar à altura da sua alta reputação. As masmorras, os «beefeaters», (guardas especiais da Torre de Londres—alabardeiros), as sinistras cavernas e as fabulosas jóias da coroa real britânica, atestam bem a sua importância. A «tower bridge» abrindo e fechando como se brincasse com a entrada dos grandes navios na baía de Londres, permanece também ativa e segura da sua importância, posição e serviço.

A grande abóbada com uma cúpula aparecendo acima do topo dos telhados é, naturalmente, a St. Paul's Cathedral—conhecê-la-á, assim que a visite, tão bem como qualquer londrino. Para ir lá, da Torre de Londres, poderá seguir pelo trajecto da Beer Lane (Rua da Cerveja), Water Lane (Rua da Água) ou Pudding Lane (Rua do Pudim); possivelmente escolherá a última, porque foi nela que começou o grande incêndio de Londres, em 1666. Uma esguia coluna ergue-se no local, comemorando o trágico acontecimento e é chamada simplesmente o «Monument». Uma escadaria com 311 muito enrolados degraus levá-lo-á a uma varanda de cujo cimo se desfruta maravilhosa panorâmica da cidade.

«Londres é uma grande cidade de enormes e dificultosas escadarias». Quando se vai à catedral de S. Paulo pode-se subir outra longa espiral para se certificar

das famosas propriedades acústicas da Whispering Gallery; se estiver em forma pode mesmo subir um pouco mais, até precisamente por baixo da cruz de ouro, no ponto mais alto da cúpula, tendo então toda a catedral e toda Londres por baixo de si.

Achamos miradouros como estes que citamos, numa visita a um lugar qualquer, é na verdade uma autêntica felicidade e nem sempre em Londres é necessário subir tão cansativas escadarias para tê-los. Da torre da Westminster Cathedral divisa-se uma linda panorâmica da capital da Grã-Bretanha. Encontra-se lá o mais alto elevador da cidade, em cujo término, os turistas que pela primeira vez visitam Londres reconhecerão muitos mais velhos amigos—incluindo mesmo na capital o Buckingham Palace, a casa em Londres de sua magestade a rainha. Não se pode inspecionar o seu sumptuoso interior, mas há grande compensação na cerimónia matutina do render da guarda, quando os Household Troops (guardas especiais da casa real), com os seus capacetes de pele de urso e túnicas escuras marcham no terreiro acompanhado por uma alegre banda militar. No meio da cerimónia vislumbramos um agitar de plumas vindas dos lados de Constitution Hill. Alguns momentos depois a cavalaria passa a caminho de Whitehall para o seu próprio render da guarda. Podemos segui-la até lá descendo a enorme avenida de Mall, passando pelas curiosas combinações de velhas ameias, que rodeiam o St. James Palace. Assim que atravessamos o Admiralty Arch estamos em Trafalgar Square, considerada pelos britânicos a sua Praça da Liberdade. Este é o caminho que devemos tomar e ao descermos até Whitehall saltar-nos-á à vista Downing Street. Não é uma bonita rua nem a porta n.º 10 dá entrada a uma maravilhosa residência, mas nela viveram nos últimos duzentos anos homens, tais como Pitt e Palmerston, Disraeli, Gladstone e Churchill, todos antigos primeiros-ministros da Bretanha.

A poucos minutos desta estreita rua, estaremos no coração de Londres. Whitehall emerge em Parliament Square e lá, solene e estática, ergue-se a Westminster Abbey que há cerca de 900 anos tem sido palco de quase todas as coroações de reis e rainhas. Separadas poucos metros, erguendo-se escarpadas dos bancos do rio Tamisa, as torres e pínculos das Houses of Parliament, onde os Lordes e Comuns tomam as suas deliberações—os primeiros, numa enorme Câmara com bonitas janelas de vidro colorido e os últimos numa outra, bastante ativa, mas menos sumptuosa.

Um bem conhecida badalada, levá-lo-ão a olhar para o Big-Ben—ponto de convergência de Londres, o mais familiar amigo de todos, através de fotografias de postais ilustrados e do cinema. Poucas horas depois de chegar a Londres e de ter visitado estes lugares parecer-lhe-á que aqui tem passado toda a sua vida e terá, na verdade, gostado desta enorme cidade.

Pense nisto e verá que não estamos muito errados.

Fevereiro de 1961.

CONCURSO «VITABOLBO»

EM VIRTUDE DO ÊXITO ALCANÇADO E PARA SATISFAZER NÚMEROSOS PEDIDOS, É PRORROGADA POR MAIS 15 DIAS A PUBLICAÇÃO DOS CUPÕES NO «DIÁRIO ILUSTRADO». PORTANTO, AINDA ESTÁ A TEMPO DE CONCORRER COM UMA QUADRA OU UM SLOGAN PARA SE HABILITAR AOS MAGNÍFICOS PRÉMIOS DA AFAMADA MARCA «RADIOLA» QUE ESTÃO EM EXPOSIÇÃO NA

RADIÓFILA, LDA.
AV. ALMIRANTE REIS, 124 - LISBOA

Contra a CALVÍCIE, CASPA e QUEDA DE CABELO

USE VITABOLBO

Rep. Exc.: Produções SANDE FREIRE - Av. Almirante Reis, 94-4.º, Esq. - Telef. 734208

Industriais algarvios assistiram ao curso de conservação de peixe realizado em Aiamonte por iniciativa da Escola Técnica

AIAMONTE—De entre a variada gama de complementos educativos inerentes aos Institutos Laborais (Escolas Técnicas) faz parte uma política de divulgação técnica sobre os problemas latentes nas zonas em que se situam. O Instituto Laboral desta cidade, na sua definida modalidade marítimo-piscatória, tende a levar a cabo uma proveitosa actividade divulgadora adicional à complexa tarefa educativa do seu funcionamento. Tendo promovido em anos anteriores diversos cursos de divulgação, realizou agora um interessantíssimo curso monográfico sobre conservação frigorífica de peixe e produtos da pesca que esteve a cargo do bromatologista e médico-veterinário dr. António Valdecantos Jiménez, colaborador do Centro Experimental do Frio, dependente do Patronato «Juan de la Cierva», do Conselho Superior de Investigações Científicas.

O curso, que constou de seis sessões, efectuou-se na Biblioteca Municipal com a assistência de industriais e mestres desta cidade, assim como de industriais e técnicos da vizinha Vila Real de Santo António que vieram a Aiamonte com o fim de acompanhar as explicações e demonstrações realizadas pelo dr. Valdecantos.

Na primeira sessão o director do Centro, sr. dr. Fernández y Fernández, falou aos «alunos» para explicar a finalidade dos cursos, apresentando depois o sr. dr. Valdecantos Jiménez, o qual abordou os temas da primeira lição que versaram sobre produção, distribuição e conservação pelo frio. Tratou o dr. Valdecantos na segunda sessão da aplicação do

PORTUGAL E O MAR... EM HAMBURGO

(Conclusão da 1.ª página)

brados de vez em quando. Tanto o comércio no mercado interno, como o comércio importador estão em evolução constante, obedecendo à lei que rege todos os organismos: a lei da renovação, do desaparecimento de uns e do surto de outros.

A ideia de abrir uma «Montra de Portugal em Hamburgo», do Centro Português de Informações, numa das praças principais da cidade, deve ter nascido do intuito de chamar a atenção do grande público, de avivar recordações, de ferir a retentiva.

Há dias inaugurou-se num recinto devidamente preparado uma bela exposição subordinada à ideia «Portugal e o Mar». Importadores, não só de conservas de peixe, mas também de outros artigos, representantes de alta categoria do Ministério da Alimentação, da Câmara do Comércio, do corpo consular e da Imprensa compareceram a convite do chefe do «Centro», o vice-cônsul dr. Manuel Igreja Arez, que os obsequiou com um «Vinho do Porto», quebrando assim a sequência monótona dos «cocktails» da vida social hamburguesa.

Belas ampliações de fotos da faina de pesca, redes, apetrechos e, em arranjos atraentes, tudo o que no sector da alimentação Portugal deve ao mar e se presta à exportação foi apresentado numa síntese feliz.

Na reunião pairou uma atmosfera de simpatia e de curiosidade. Não faltou a grande bisbilhoteira da nossa época, a televisão, que, no mesmo dia, conduziu, de uma assentada, milhões de alemães à exposição de produtos portugueses. Lançou-se assim ao mar da publicidade a rede que, neste caso não trará sardinhas, mas, provavelmente, encomendas de produtos portugueses e, de permeio, cardumes de turistas.

Frank Gerold

As «rapas» lançarão na miséria os pescadores algarvios

(Conclusão da 1.ª página)

catória da futura temporada. Estes peixes adultos, que vêm fazer a desova anual, devido à sua voracidade, misturam-se geralmente aos cardumes de sardinha e esta é apanhada nas «rapas». Evidentemente que os mestres ao verem nas redes algumas dezenas de sarrações, pargos, corvinas, besugos, etc., não abrem para libertar as sardinhas. Copejam primeiro o peixe grande e no fim ou lançam ao mar as sardinhas já mortas ou trazem-nas para terra e vendem-nas clandestinamente. Avalie-se o prejuízo que causarão trinta ou mais trainceiras «rapas» durante os três meses de defeso, a pescar todos os dias! Evidentemente que a isto não se pode chamar defeso!

Tal pesca lesa ainda os pescadores de anzol, de tresmalho e de outras artes inofensivas às criações e que ganham o seu pão exercendo uma pesca honesta. Como se pode admitir que tendo a corvina, pargo, besugo e sarração apenas uma desova anual se consinta na sua destruição, não se observando um rigoroso defeso neste período? Permitir a pesca de trainceiras com redes «rapas» é admitir a ruína do mar algarvio, o desemprego e a miséria de milhares de pescadores. Os próprios marítimos, companheiros das trainceiras, insurgem-se contra a destruição do peixe mas dizem que são obrigados a embarcar para não sofrerem represálias e o desemprego.

Pelos motivos expostos, urge que o Governo tome providências, proibindo o uso das «rapas», o obrigando ao rigoroso cumprimento do defeso. — Eurico Santos Patrício.

O nosso prezado colega «Diário de Lisboa» teve a gentileza de transcrever o artigo anterior sobre a necessidade da proibição imediata das «rapas». Agradecemos.

DINHEIRO SOBRE AUTOMÓVEIS

Empresto nas melhores condições. Não deixe de consultar A GLOBAL, Rua dos Bacalhoiros, 107-2.º - Lisboa

DA ESCOLHA DO BOM ADUBO

DEPENDE A MELHOR COLHEITA

PARA AS ADUBAÇÕES DE COBERTURA DA CULTURA DO TRIGO

NITRO - AMONIACAL

CUF

COM 20,5 OU 26,5% DE AZOTO



ECONÓMICO · PRÁTICO · EFICIENTE



PARA TODOS OS ESCLARECIMENTOS DIRIJA-SE AOS NOSSOS SERVIÇOS AGRONÓMICOS COMPANHIA UNIÃO FABRIL RUA DO COMÉRCIO, 49 - LISBOA

Artigos de Fantasia para Brindes — Faqueiros Porcelanas e Cristais

Sortimento de Artigos de Ménage Aços Inoxidáveis — Serviços de Metal — Cutilarias

Casa das Utilidades

FUNDADA EM 1936

54, Rua Ivens Telefone 28612 LISBOA-2

FIOS DE LÃ PARA TRICOT NOVAS QUALIDADES (AOS PREÇOS DE FÁBRICA)

ESCOCESA desde Esc. 150\$00 cada quilo

ALEMÃO, Esc. 200\$00, cada quilo

Peçam amostras para

J. P. ÁLVARES FERREIRA, LDA.

Rua da Madalena, 78 (junto à Rua dos Retrosos) Telef. 27652

— LISBOA —

Envia-se à cobrança

FRIEIRAS...
QUE FLAGELO!!!
Só as tem, quem as deseja ter!
Usando «**QUEIMAX**», desaparecem-lhe em pouco tempo, mesmo as ulceradas.
À venda nas Farmácias

DE TUDO PARA TODOS

D'AQUI, RIO ARADE...

Um novo hospital

ENTRE outras coisas de premente necessidade, Portimão precisa de um novo hospital que satisfaga os requisitos modernos de apetrechamento e conforto, pois o actual, funcionando precariamente, num antigo convento, não oferece tais garantias.

Nós, que já tivemos a ocasião de utilizar os serviços hospitalares, verificámos, entristecidos, que as paredes da sala onde funciona o banco, escorriam humidade em abundância, e que a sala da maternidade é bastante pequena. Possivelmente, outras enfermarias serão de exíguas dimensões, também.

Ora, tratar doenças naquelas deficientes condições deve ser quase um acto de heroísmo, pois, ao lado de as derrotar, há o meio ambiente a vencer e, nem sempre, este oferece menos perigo ou dificuldades do que as primeiras. E a acção humanitária dos médicos e dos enfermeiros precisa das maiores facilidades em material, em salas amplas, ventiladas e de óptima iluminação, e em conforto adequado à prática meritória da medicina.

Nestes termos, atrevemo-nos a juntar a nossa fraca voz à de todos aqueles que têm pugnado por um novo hospital nesta cidade. O caso já tem sido ventilado por mais de uma vez, mas necessita, contudo, de ser levantado do esquecimento, de quando em quando, para que se não diga que o silêncio confirma e se conforma com uma situação que deve terminar a bem de todos: doentes, médicos e demais funcionalismo.

Os médicos, o pessoal de enfermagem, os doentes e, afinal, todos nós, desejamos que as obras de construção de um novo edifício, apetrechado dos mais recentes requisitos, possam começar dentro de breve tempo, porque assim o impõem as necessidades actuais e a categoria da cidade.

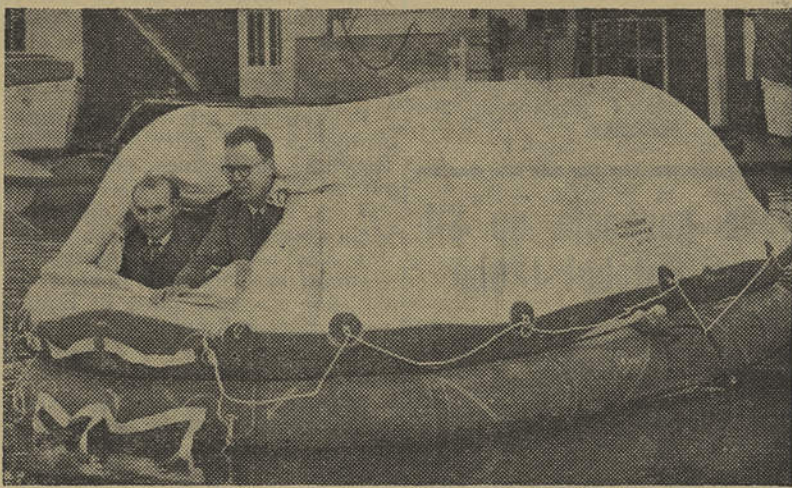
MÁRIO LEPPA

A obra simpática das cantinas escolares

(Conclusão da 1.ª página)

mente o número de beneficiados é de 100 e agrada-nos saber que esse número subirá brevemente para cerca de 280. Durante aquele trimestre a receita foi de 7.925\$50, proveniente de quotas, 2.563\$50; donativo do Rancho Infantil A E I O U, 2.000\$00; subsídio da Câmara Municipal, 3.350\$00 e mais um donativo de 10\$00. As despesas com refeições e outras necessidades subiram a 4.516\$70, transitando para este ano o saldo de 3.406\$80.

E' dever de todos auxiliar as cantinas escolares, dar uma migalha do seu pão às crianças que dele necessitam.



Eis um novo salva-vidas inglês com invólucro de fibra de vidro, o qual se enche em 40 segundos. A nossa gravura mostra o salva-vidas pronto a ser usado, com capacidade para dez pessoas

14 países dão a sua colaboração à 1.ª Exposição Portuguesa de Embalagem - E M B A

(Conclusão da 1.ª página)

sector, os problemas da apresentação no local de venda, ou sejam, os problemas da influência do aspecto estético da embalagem sobre o público consumidor.

A Federação Europeia de Embalagens, que dá a sua estreita colaboração a mais esta realização do

A VIDA DO ATUM

(Conclusão da 1.ª página)

ra o mar, ou seja para o seu domicílio de Inverno. Se de facto o Sol e o instinto natural são, cumulativa e respectivamente, o inspirador e o mantenedor da orientação a conceder e a conservar na corrida do atum de «direito», natural, lógico e racional é admitir que devam ser esses mesmos elementos o indicador e conservador da orientação a dar e manter na corrida de «revés».

Nesta ordem de ideias, formulámos primeiramente a hipótese de que o atum de «revés» se orientaria, na corrida respectiva, pelo nascimento do Sol no seio das

águas do mar, isto é, quando ele, depois do seu nascimento, dispõe de 20 graus de altura acima do horizonte, tal qual considerámos quando do estudo da corrida de «direito», mas, agora, mercê de um heliotropismo reversível ou negativo e que estimularia o atum a pôr a cauda na direcção do Sol e segundo o seu azimute, no acto desse nascimento, e o focinho em sentido contrário.

Estudada a fundo que foi esta hipótese, verificámos que ela não era de admitir, porque contrariava factos observados na vida do atum de «revés»; e, assim, após o solstício do Verão, isto é, na altura do virar-de-maré da corrida de «direito», os sentidos contrários aos azimutes solares, após o seu nascimento no seio das águas, estariam no quadrante do Sudoeste, quando é bem certo que os factos observados requereriam que eles estivessem no quadrante do Noroeste. Isto quereria significar que se o atum seguisse a orientação do Sudoeste na sua corrida de «revés», não aterraria inicialmente na costa de Tavira e, portanto, não poderia ser capturado pelas armações respectivas. Desta forma, o atum correria de início para o mar, sem que na sua frente encontrasse a costa algarvia; e, assim, só quando os azimutes solares relativos ao nascimento do astro-rei estivessem compreendidos no quadrante do Sueste, isto é, por volta de meados de Agosto e daqui até ao equinócio do Outono, é que se começaria a capturar o atum nas suas armações fixas.

Isto quer significar que considerando esta orientação de corrida para o atum de «revés», os factos observados com este peixe deveriam reproduzir-se em sentido contrário àqueles que de facto se verificam na prática corrente do exercício da captura do atum realizada por armações fixas.

Ponderada a matéria exposta, formulámos a hipótese ao invés, isto é, admitimos a suposição de que o atum de «revés» se orientaria pela presumível postura do Sol no seio das águas do mar, quer dizer, pelos azimutes solares, quando o astro respectivo dispusesse de cerca de 20 graus de altura acima do horizonte e antes da sua postura.

Assim, inicialmente o atum caminhará segundo trajectória de direcções compreendidas no quadrante de Noroeste, indo, por isso, embater na costa tavricense em grande quantidade, onde seria capturado nas suas artes de pesca.

Mercê de razões que se afiguram óbvias, verificar-se-ia que esta quantidade de atum ir-se-ia reduzindo à medida que o Sol caminhará sobre a eclíptica do solstício do Verão para o equinócio do Outono. E isto dar-se-ia em razão dos azimutes solares se aproximarem cada vez mais do azimute Oeste e daqueles azimutes passaram assim — e mais tarde — para o quadrante do Sudoeste. Este facto trará, como consequência, uma descida dos fios de atum do Norte para o Sul, ao contrário do que acontece na corrida de «direito» e, portanto, um afastamento desses fios das armações fixas respectivas, pelo que não poderão ser capturados por elas.

Nestas condições, verifica-se que o atum se poderá orientar, na corrida de «revés», pelo Sol e quando este possui cerca de 20 graus de altura acima do horizonte e antes do seu ocaso, visto que, no início do intervalo de tempo compreendido entre o solstício do Verão e o equinócio do Outono, isto é, no decurso do Verão, os azimutes solares situam-se no quadrante do Noroeste e, com o andar da estação estival, eles, depois, transferem-se daquele quadrante para o do Sudoeste; e, consequentemente, é a corrida de «revés» desviada do Norte para o Sul, como é bem de ver.

Ponderado o exposto, presumimos que o Sol se ponha francamente no seio das águas do mar, logo que este astro atinja cerca de 20 graus de altura acima do horizonte e antes do seu ocaso.

Supomos que a corrida de «revés» decorra do solstício do Verão ao equinócio do Outono: porque como precedentemente referimos, o atum deixa de correr de «direito», após o solstício do Verão; porque as armações fixas da costa tavricense começam, após aquele solstício, a pescar grande quantidade de atum de «revés»; e, finalmente, porque estas armações poderiam pescar este peixe, presumivelmente até ao equinócio do Outono se, porventura, a corrida de «revés» não fosse — como é — desviada para o Sul, como precedentemente se disse.

O começo e fim de dadas estações do ano podem provocar, assim, o início e o término das corridas de «direito» e «revés», visto que, de tudo quanto anteriormente se disse,

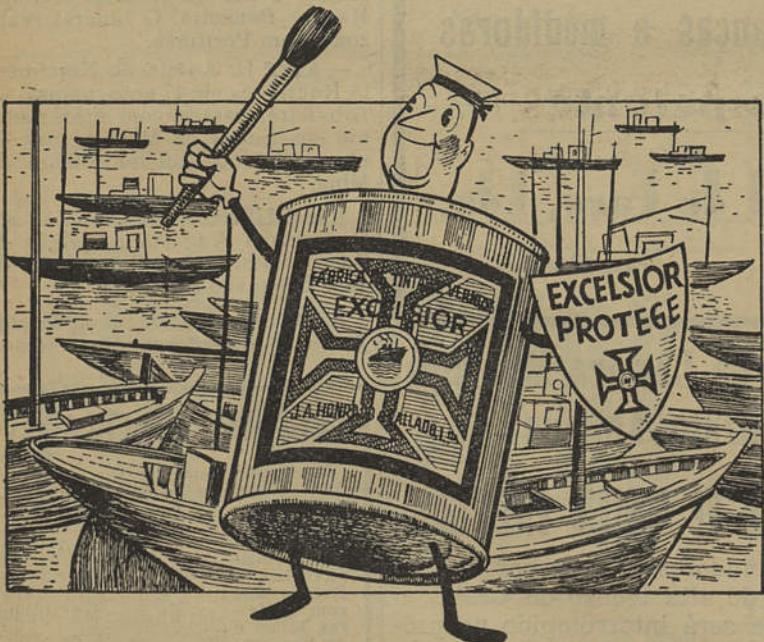
Viveiros do Falcão

Empresa de Agricultura e Jardinagem, Lda.

A melhor selecção de árvores de fruto e sombra
Arbustos de jardim e plantas de ornamentação
Construção de Parques, Jardins e Campos relvados

CARNIDE-LISBOA • Telefone 780463

EXCELSIOR o escudo que defende e protege os seus barcos



USE TINTAS EXCELSIOR
J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.
Travessa do Giestal, 4 - LISBOA

II JOGOS FLORAIS DA COSTA DO SOL

ORGANIZADOS pelo jornal «A Nossa Terra», de Cascais, com o patrocínio do S. N. L., Câmara Municipal de Cascais, Junta de Turismo da Costa do Sol, Sociedade Estoril-Sol e outras entidades, vão realizar-se os II Jogos Florais da Costa do Sol, integrados nos festejos que a Junta de Turismo da Costa do Sol levará a efeito em honra de Santo António, em Junho próximo.

Os jogos subordinam-se aos géneros de prosa e de poesia sendo-lhes atribuídos os prémios seguintes: I — Prosa: a) Conto (2.250\$, 1.200\$, 750\$); b) Reportagem (2.250\$, 1.200\$, 750\$); II — Poesia: a) Poema de evocação a Santo António (2.500\$, 1.500\$, 1.000\$); b) poema lírico (tema livre) (1.800\$, 1.000\$, 750\$); c) Soneto (tema livre) (1.300\$, 700\$, 400\$); d) Quadra (dedicada a Santo António) (300\$, 200\$, 150\$).

O prazo para entrega dos trabalhos termina em 31 de Março, podendo os interessados solicitar o respectivo regulamento directamente à Comissão Organizadora dos Jogos Florais da Costa do Sol — Jornal «A Nossa Terra», Rua do Regimento 19, n.º 4, Cascais.

CALHAU E AREIA

Vendem-se na propriedade da Azeda, a seis quilómetros de Vila Real de Santo António. Trata: António da Costa Esteves — Castro Marim — Telefone 17.

A quadra de hoje

O amor não é senão uma divina lembrança;
— a esperança duma saudade,
a saudade duma esperança...

Bernardo de Passos

Novo processo para defumar peixe ou carne de porco

O dr. D. L. Nicol, do Laboratório de Humber, perto do principal porto de pesca da costa oriental de Inglaterra, Hull, inventou uma máquina que vem aperfeiçoar o tradicional processo de defumação. Há séculos que o fumo da combustão de serrim e aparas de madeira queimadas na lareira dum forno tem servido para defumar peixe ou a carne dependurada lá dentro. Acontece, porém, que os produtos defumados por este processo variam de gosto conforme a habilidade da pessoa que regula a entrada do ar, a intensidade da combustão, a duração da exposição aos fumos, etc.

A máquina agora inventada é um gerador de fumo alimentado por um depósito de serrim e que funciona automaticamente. É também mais económica pois só queima cerca de uma quarta parte do serrim requerido pelo processo antigo. Nesta máquina, a serradura é levada por uma corrente de ar aquecido por meio de electricidade sendo a temperatura ajustada e controlada para que as partículas de serrim sejam queimadas sem produzir chama. Produz-se assim, grande quantidade de fumo seco com uma quantidade mínima de serrim que é peneirado e desidratado antes de entrar na máquina, a uma velocidade controlada. Consegue-se, desta forma, uma densidade constante de fumo que se reflete no paladar uniforme dos produtos.

O que eles pensavam

* Sé justo de preferência a ser generoso; sé humano de preferência a ser justo. — (Fernan Caballero).

* A liberdade não tem verdadeiros direitos fora dos que emanam da justiça: o seu dever principal é servir-lhes de salvaguarda. — (Mme. Swetchine).

* Que é a língua humana? Feira de maldades; fera indomável; risco doméstico e contínuo. — (P. Manuel Bernardes).

* Lutar sempre, como demons-

tração de vitalidade. — (Egas Moniz).

* A miséria enxovalha a alma do homem. — (Oscar Wilde).

Também na cozinha se pode ser artista

Ovos com vinho tinto — Preparação, uma hora. Porção por quatro pessoas: oito ovos, três quartos de litro de vinho tinto das adegas de Lagoa ou Tavira, 50 grs. de manteiga, uma colher de farinha, sal, pimenta, louro, tomilho, espécies e pedacinhos de pão para fritar. Escalfam-se os ovos no vinho. Tiram-se e escorrem-se. O vinho deixa-se ao lume com o sal, a pimenta e as espécies até que fique reduzido a metade. Junta-se então a manteiga misturada com a farinha e bate-se tudo até se obter uma pasta homogénea. Colocam-se os ovos sobre fatias de pão frito e tudo numa travessa. Cobre-se com o molho e serve-se quente.

O doce nunca amargou

Bolo vienense — 125 grs. de açúcar em pó, quatro ovos frescos, 100 grs. de farinha, uma vagem de baunilha, 100 grs. de manteiga, marmelada de alperces.

Deitar num tacho de cobre o açúcar, as gemas e as claras dos 4 ovos. Batê-las bem e de maneira que se tornem espumosas. Acrescentar então a pouco e pouco os 100 grs. de farinha, que devem ter sido pesados com rigor, juntar a vagem de baunilha. Derreter numa frigideira pequena a manteiga, mas sem a aquecer e deitá-la no tacho, misturando-a muito bem com o conteúdo deste.

Untar de manteiga e polvilhar de farinha o fundo e as paredes duma forma, guardá-la até dois terços da sua altura com o conteúdo do tacho e colocá-la no forno durante 23 minutos. Desenhá-lo no bolo, deixá-lo arrefecer e cobrir-lhe a superfície com uma camada de marmelada de alperces.

E agora não ria!

O chefe da esquadra procura esclarecer a história de uma rixa:

— Mas então o agressor atacou-o com arma de fogo?
— Não, senhor chefe. Foi com arma branca.
— Que arma?
— Uma garrafa de leite.



EM LINDAS CORES MODERNAS E SEMPRE COM A SUA TRADICIONAL QUALIDADE

ESTABELECIAMENTOS SIDA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 44-48 • TELEF. P. P. C. A. - 5 LINHAS 369332 • LISBOA

Distribuidores no Algarve (Barlavento)
CASA FARRACHA
Rua do Comércio, 113 — OLHÃO
Telefone 206

VENDE-SE

Talhões de terreno para construção urbana em local autorizado no sítio das Hortas, a pouca distância de Vila Real de Santo António. Informa-se na Redacção deste jornal.

José Salvador Mendes